

a ea

Artigos

Corpos tribais e memória imemorial

Michel Maffesoli

Toda instauração de um novo laço social é uma *transfiguração*. É exatamente esse o caso do tribalismo pós-moderno, que convoca outras figuras nas quais o ideal comunitário se reconhece e se contempla. É simples perceber que as práticas contemporâneas obedecem a uma lógica parecida. As “formas” utilizadas podem ser, sem dúvida, transgressoras, mas nem por isso são menos fundadoras, se soubermos apreciá-las pelo que são e não pelo que gostaríamos que fossem.

Podemos referir-nos ao exemplo religioso. De fato, é surpreendente notar que essas novas formas de sociabilidade, por um lado, são atravessadas por uma intensidade própria à religiosidade e pela importância que, nela, possui a memória; por outro, expressam uma intensidade transbordante na relação com o outro. Intensidade e densidade que, *présentéisme oblige*, sendo efêmeras, nem por isso são menos reais.

A atitude “contemplativa” que prevalece sobre a pulsão política, própria às gerações precedentes; o fato de a intuição nas relações sociais predominar sobre as associações reflexivas (partidos, sindicatos); a constatação de se privilegiarem todas as ocasiões de “exaltação” (exaltação festiva, efervescências diversas), tudo isso cria uma atmosfera específica em que o sujeito substancial, que, na tradição ocidental, era-nos familiar, não tem mais muita importância. O subjetivo tende a ceder lugar ao “trajetivo” (G. Durand), ou seja, ao conhecimento direto do íntimo laço entre todas as coisas.

Correspondência holística, intuitiva conexão com os outros e com a natureza ao redor, tudo isso se traduz, trivialmente falando, pelo fato de “exaltar-se”, de “explodir de prazer” ou de ter “feeling”. A lista de expressões que traduzem a extrapolação de uma lógica discursiva é longa e sublinha a calma violência do fluxo vital. Podemos sem dúvida nos espantar, mas a verdade é que o *imperativo categórico* da moral estabelecida dá, cada vez mais, lugar à prática de pequenas liberdades intersticiais em que domina uma forma de alegre imoralidade. É isso a “*ordo amoris*” (M. Scheler), causa e efeito dos múltiplos êxtases societários.

Podemos aproximar essa idéia das intuições de Bergson – a passagem do estático ao dinâmico, do fechado ao aberto, de uma vida rotineira à vida mística –, que muito esclarecem, teoricamente, todas as situações empíricas em que a *fórmula* conceitual (política, social) cede lugar a uma *forma* operatória. Uma forma comunitária em que cada um não mais procura sua singularidade, não mais afirma sua especificidade, mas busca, concretamente, ser um só com o objeto que lhe pertence ou ao qual pertence.

Véu islâmico, kipa judaica, lenço Hermès, cuecas Calvin Klein, poderíamos, por simples lazer, multiplicar os signos e as marcas, que podem ser considerados manifestações do sentimento de pertença, sentimento de pertença enraizado na *memória coletiva*. *Stricto sensu*, “somos algo” no momento em que o ostentamos como um emblema de reconhecimento. Mesmo e, sobretudo, se tal afirmação provoca ou choca os que não o “são”. O umbigo exposto de maneira “sexy”, a circuncisão religiosa e o “piercing” íntimo favorecem os êxtases comunais. São como outros tantos rituais anódinos ou exacerbados pelos quais as microtribos contemporâneas expressam suas *afinidades eletivas*; pelos quais essas mesmas tribos transfiguram um cotidiano dominado pela lógica de mercado em uma realidade espiritual que, apesar de se proteger atrás da máscara da transcendência, não deixa de ser profundamente *humana*, sempre: o que vivo, com outros, aqui e agora.

Práticas encarnadas. Encarnação que precisa ser compreendida em seu sentido preciso: prazer da carne, mortificação da carne, a diferença tem pouca importância, como meio de redizer a importância do corpo individual no contexto do corpo coletivo. *Corpo místico* que, em todo caso, não mais se reconhece pelos mecanismos de abstração racional, mas tende a se afirmar na organicidade dos grupos emocionais. O orgânico, não o esqueçamos, é essencialmente feito de memória.

Invertendo o dito popular, o hábito faz o monge. A “vestimenta”, seja sobre o corpo ou no corpo, torna-se, dessa forma, hieróglifo. Signo sagrado fazendo participar de uma espécie de *transcendência imanente*. Pedras vivas de um templo imaterial em que “se sente” bem. Construção simbólica onde tudo junto ganha corpo. Lugar real ou virtual que assegura proteção e reconforto. Os apaixonados por jogos eletrônicos bem sabem que procuram perdidamente nas redes da internet uma forma de comunhão e que, assim, criam comunidades não menos

“reais” que os grupamentos sociais, logo racionais, propostos pela sociedade. Nesse sentido, os pseudônimos utilizados são como marcas sobre o próprio corpo, permitindo integrar um corpo coletivo. Vê-se aí, muitas vezes, uma “dependência” inegável, mas essa não é mais do que um signo de embriaguez coletiva: deixar seu rastro na trágica impermanência do dado mundano.

Isso nos convida a seguir as pistas do nomadismo tribal contemporâneo, feito, paradoxalmente, de *enraizamento* e exílio. Do desejo de estar e viver *aqui*, tendo ao mesmo tempo a nostalgia do que está para além. Não seria, então, o caso de ver nesse paradoxo a falência de uma moral de imposição de domicílio, de uma existência fechada nela mesma e, ao mesmo tempo, a emergência de uma ética dinâmica capaz de aliar contrários? Ao menos, é nisso que nos faz pensar.

Quando se elaborou a noção de “proxemia” na escola californiana de Palo Alto, pensava-se, na linha de uma sensibilidade ecologista, na consideração do que está *próximo*, mas em interação com o ambiente *global*. Dupla necessidade, incluindo o real vivido no vasto contexto de uma realidade total. Encontra-se aí como que um eco da noção de *domus*, própria do pensamento antigo. Importância da “casa” não mais limitada aos quatro muros de uma habitação, e ganhando sentido em função da fauna, da flora, e até mesmo dos parentes próximos. Por uma espécie de concatenação mágica, ou quase mística, o laço social se constrói, simbolicamente, por uma apropriação de lugares sucessivos. Outro modo da memória partilhada!

O termo espanhol *immediaciones*, que descreve o entorno de um ponto central, de uma cidade importante, é, nesse sentido, esclarecedor, ao evidenciar que o que está próximo vive em osmose, sem mediações, por contigüidade com a cidade que lhe dá sentido. Existe uma espécie de *imediação* absoluta entre os diversos elementos de um todo. Uma co-presença que torna cada elemento indispensável e o conjunto, específico ou original.

É esse “doméstico” e essa “imediação”, ou seja, essa maneira de interagir por contaminações sucessivas, por irradiações, que nos podem ajudar a entender a passagem progressiva da moral para a ética. Enquanto a primeira é um pouco abstrata, desenraizada, a última é, acima de tudo, encarnada, *proxêmica*.

Tendo como referência a etimologia do termo, ela é, primordialmente, concreta (*cum-crescere*). Ela cresce com o *entorno*:

o ambiente social só tem sentido em função do ambiente natural. Ela acentua o espaço, o território, o terreno..., permitindo-lhe ser. A ética como modo de vida, como maneira de existir tendo como base um lugar que é partilhado com outros. A *cultura*, a partir daí, torna-se particular e deixa de ser a pretensão universal da *civilização*.

Nessa perspectiva, o espaço é, de certa maneira, o tempo vivido. O das pequenas histórias, o dos momentos (bons e maus), que por sedimentações sucessivas fazem, justamente, a cultura concreta: uma memória partilhada, um laço carnal. Nesse sentido, a ética doméstica, poder-se-ia dizer tribal, é uma *ética da situação*. Ligada a uma estada, a uma paisagem particular.

De diversas maneiras, Heidegger chamou a atenção para um tal “Ethos” como maneira de habitar: “a ética deve supor que ela pensa a morada do ser humano”. Estamos longe da afetação moral das *belas almas* responsáveis pela humanidade como um todo, e atormentadas pelas desgraças do gênero humano.

A ética de situação é, mais modestamente, mais humanamente, logo, mais humildemente, uma justaposição de rituais cotidianos, que criam um estado de espírito coletivo. Ela é tributária de um lugar, seja ele real ou simbólico, e é atravessada pela *preocupação* com o *lugar*, e pela memória que o constitui como tal.

A partir de então, esse solo, essa terra, esse mundo se tornam, por círculos sucessivos, importantes. “Interessam” porque se está dentro (*inter esse*). Assim, como diz Merleau-Ponty, é “porque nele moro” que posso levar a sério este mundo. Nesse sentido, nessa ética que se desenha, estamos longe do atemporal e do universal, mas bem no coração de um humanismo presente.

Tradução
Daniela Cerdeira

Michel Maffesoli

Sociólogo. Professor da Sorbonne – Paris V. Diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano (CEAQ). Edita a revista *Sociétés*. A maioria dos seus livros está publicada no Brasil.

Palavras-chave

corpo
memória
espaço

Resumo

O tribalismo pós-moderno não obedece às práticas a que estamos habituados. De fato, à pulsão política se sobrepõe uma atitude contemplativa; às associações reflexivas se sobrepõe a intuição nas relações sociais. O que toma corpo é o conhecimento do laço íntimo entre todas as coisas, e o que predomina é uma alegre forma de imoralidade. As intuições de Bergson ajudam a iluminar, teoricamente, todas essas situações empíricas em que não se procuram singularidades, nem se afirmam especificidades. O que se busca, concretamente, é um sentimento de pertença, evidente, por exemplo, na utilização de signos e marcas, que são a expressão de afinidades eletivas. A questão do espaço se impõe no tribalismo pós-moderno como sendo, de certa maneira, o tempo vivido: o das pequenas histórias, o dos momentos (bons e maus), que por sedimentações sucessivas constituem, justamente, a cultura concreta – uma memória partilhada, uma ligação carnal.

Key words

body
memory
space

Mots-clé

corps
mémoire
espace

Abstract

Postmodern tribalism does not follow the practices we are used to. Indeed, in it political drives are supplanted by a contemplative comportment; reflexive associations, by intuition in social relations. What mobilizes the body is knowledge regarding the close ties uniting all things and what predominates is a joyful form of immorality. Bergson's intuitions help us shed light theoretically on all these empirical situations, in which singularities are not sought for, nor are specificities stressed. What is aimed at instead, concretely, is a sense of belonging, clearly to be felt, for instance, in the use of signs and marks that are the expression of elective affinities. The question of space forces itself in postmodern tribalism as being,

Résumé

Le tribalisme postmoderne n'obéit pas aux pratiques auxquelles nous nous sommes habitués. En effet, sur la pulsion politique et les associations réfléchies, on voit prendre le pas une attitude contemplative et l'intuition dans les relations sociales. Le poids est donné à la connaissance de l'intime liaison de toutes choses, et ce qui prédomine est une forme de joyeux immoralisme. Les intuitions de Bergson aident à illuminer, théoriquement, toutes ces situations empiriques dans lesquelles l'on ne cherche pas de singularités, ou les spécificités ne sont pas affirmées. Ce que l'on cherche, concrètement, c'est un sentiment d'appartenance, qui est rendu évident dans l'utilisation de signes et de marques qui expriment les affinités électives. Correspondance holistique, intuitive